

## Apropriar-se da Praça: Uma Disputa de Sentidos de Lugar<sup>1</sup>

Ana Cesaltina Barbosa Marques<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### Resumo

O debate em torno da reforma da praça Portugal, em Fortaleza (CE), desenrolado entre 2014 e 2016 no noticiário local, evidenciou a disputa de produção de sentidos acerca do espaço urbano como estratégia de legitimação de seus usos e ocupações. Uma das propostas apresentadas pela prefeitura retirava a área central da praça, transformando-a num cruzamento, com quatro pequenas praças laterais. Uma polêmica instaurou-se centrada no ponto: o equipamento, que funciona também como rotatória, seria ou não uma praça? A baixa frequência de visitantes, diante da dificuldade anterior para acesso à área central por conta do intenso fluxo de veículos, seria suficiente para destituí-la do status de praça e condená-la a uma drástica intervenção? A análise de conteúdo de textos publicados na imprensa revela disputas para definição de sentidos de lugar.

**Palavras-chave:** espaço; lugar; praça; sentido; afetividade.

Orientada pela necessidade de fazer fluir o trânsito de veículos que estagnava, diariamente, por volta de 18h, o entorno da praça Portugal, logradouro de área dita nobre da cidade de Fortaleza (CE), a prefeitura municipal idealizou e apresentou à sociedade local, em 2014, um projeto de reforma da área. O desenho propunha eliminar a área central do equipamento, que funciona também como rotatória para os veículos, e instalar ali um semáforo. As praças laterais que compõem a praça seriam mantidas e reestruturadas. Dessa maneira, seria originado mais um cruzamento tradicional de duas grandes avenidas, Dom Luís e Desembargador Moreira.

O projeto de reforma dividiu opiniões e instaurou debate que envolveu representantes do poder público, entidades da sociedade civil, academia, profissionais liberais e parte da população. A polêmica ganhou espaço nos veículos de comunicação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [anacesaltina@gmail.com](mailto:anacesaltina@gmail.com).

locais e nos sites de redes sociais, na medida que moradores de diversas partes da cidade se organizaram por meio dessas plataformas para defender a preservação do desenho original da praça. A análise de alguns desses textos revela jogos de forças para definição de sentidos prevalentes para o lugar praça Portugal.

Para observar a praça como um lugar, é preciso trazer o foco para as vivências dos sujeitos inscritos na materialidade espacial. Para Yi-Fu Tuan (1983), a definição de lugar emerge da construção de vínculos entre os sujeitos em determinados recortes espaciais e ao longo de certos períodos de tempo. Esta experiência vivida sensorialmente e na convivência social transformaria um recorte espacial em lugar. Para o autor, o sentimento de pertencimento funda a experiência de lugar.

A presente abordagem da praça Portugal como lugar, ressaltando os jogos de forças que constituem estratégias de legitimação de usos e ocupações para o espaço, configura-se como continuidade de uma observação da produção de sentidos acerca do equipamento. O pontapé inicial foi dado em 2008, quando iniciada pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, que resultou na dissertação intitulada “A praça Portugal como lugar: negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador”<sup>3</sup> (MARQUES, 2010).

A referida pesquisa, formalmente concluída em 2010, teve como foco as experiências de jovens que frequentavam o local nas noites de sábado e que interagem em uma zona conformada entre a praça e uma comunidade on-line do site de redes sociais Orkut. Observando as relações dos frequentadores entre si e com o espaço da praça, foi possível observar a permanência, em 2008 e 2009, de sentidos elaborados para o lugar desde o início dos anos 2000: espaço para vivências de liberdade de ação e expressão; de realização de escambo ou comércio paralelo de bens simbólicos; de confronto com a diversidade de estilos associados ao consumo de bens simbólicos; e de estreitamento de laços de amizade (MARQUES, 2010). Na perspectiva dos sujeitos, foram verificados modos distintos de experimentar os sentidos partilhados coletivamente. Foi então possível observar a relevância dos processos de comunicação para o estabelecimento de vínculos entre os sujeitos inscritos espacialmente e deles para com o espaço, portanto para constituição de lugares.

---

<sup>3</sup> A pesquisa foi realizada entre 2008 e 2010, junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, em nível de Mestrado, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

---

Este breve estudo de caso resulta, portanto, da permanência do olhar sobre a produção de sentidos acerca da praça Portugal. No entanto, o novo recorte temporal de observação (2014-2016) evidencia a interação de outros atores em novo contexto. Elementos desse novo capítulo de disputa simbólica foram captados em materiais publicados por dois jornais da cidade - O Povo e Diário do Nordeste. Os textos, que constituíram material empírico deste trabalho, foram submetidos à análise de conteúdo, na perspectiva de análise de enunciação (FONSECA JUNIOR, 2012), em que “o discurso não é produto acabado, mas um processo em elaboração”.

### **Praça para quê?**

As praças se apresentam comumente como clareiras em meio ao conjunto de edificações de uma cidade, mas não se definem apenas por isso. Costumam ser pontos de aglutinação social na malha do tecido urbano. No Brasil, o modelo de constituição das praças alinha-se com as tradições europeias, em que os equipamentos possuem importância espacial, social e de imanência de poder administrativo. No entanto, o modelo de desenvolvimento das cidades contemporâneas nas metrópoles da América Latina foram aos poucos incorporando aspectos do urbanismo norte-americano, com o automóvel ordenando o espaço. Queiroga (2003) apresenta tal panorama e aponta uma incisiva tendência de enfraquecimento da relação entre as praças e o entorno nesse segundo modelo, com a criação de um fosso de difícil travessia entre os espaços privados e os públicos.

A história da praça Portugal guarda muitas aproximações com esse enredo evidenciado por Queiroga (2003). A proposta de construção da praça Portugal, em Fortaleza (CE), surgiu na década de 1940, no contexto da elaboração de um plano diretor para a cidade que tinha como objetivo descentralizá-la (LEAL, 2009). O projeto previa a criação de espaços livres em diversos bairros, seguindo um padrão de planejamento urbano considerado moderno. No momento em que o Decreto-Lei nº 202 de 23 de maio de 1947 foi publicado no Diário Oficial do Município, autorizando a construção da praça, esses equipamentos tinham função essencial para a vida social da cidade.

Naquele momento, o espaço estava sendo planejado como área de lazer para os futuros moradores da região. Foi inicialmente chamada de praça Nunes Weyne. Estava prevista para ser instalada entre a avenida Otto de Alencar (hoje, avenida Desembargador Moreira) e a avenida Farias Brito (hoje, avenida Dom Luís).

A denominação praça Portugal tornou-se oficial ainda em 1947, mas a inauguração foi realizada em 6 de abril de 1968, quando o bairro Aldeota já havia crescido, casarões haviam se instalado em seu entorno, assim como clubes (Líbano Brasileiro e Náutico Atlético Cearense) e igrejas (Irmãs Missionárias e a Paróquia da Paz).

A praça já nasceu com o desenho que hoje se vê: uma área circular com quatro ilhas laterais. No entanto, havia no centro uma plataforma elevada, contornada por um espelho d'água, que servia de suporte para um monumento que estampava em mosaico uma caravela. Tal peça desapareceu na reforma que viria ocorrer em 1992.

O formato circular da área central da edificação, que funcionaria também como rotatória, foi considerado desenho inovador no contexto das praças cearenses, em sua maioria quadradas em razão do desenho da cidade, com ruas dispostas em xadrez. Na época, o escasso fluxo de veículos não se configurava como empecilho aos pedestres que desejassem acessar à área central.



Praça Portugal em 1971. Fonte: Arquivo Nirez (apud LEAL, 2009, p.60).

Na década de 1980, uma intensa programação cultural foi levada à praça, com apresentações musicais e uma feira semanal que ofertava artesanato, flores, livros, revistas, comidas e bebidas típicas. Esse foi um período de intensa frequência de atividades voltadas especialmente para o público jovem (O POVO, 1981).

A feira se organizou inicialmente sem intervenção do poder público, dando liberdade aos feirantes para variar os serviços oferecidos e improvisar a estrutura necessária. Posteriormente, o crescimento desordenado da feira teria tido como consequências a degradação do equipamento urbano e o acúmulo de lixo nos arredores. Em 1984, uma reforma restaurou calçadas, muretas e o gramado mas, apenas dois anos depois, a praça foi novamente interditada para reparos.

Foram muitas reformas envolvendo a Prefeitura de Fortaleza em cooperação com empresas privadas. A empreendida em 1992 foi uma das mais significativas desde a inauguração do equipamento. Um grande monumento foi instalado no centro da área central: um arco de onde pende uma esfera armilar (instrumento de astronomia aplicado em navegação marítima que representa a esfera celeste). O objeto substituiu a antiga plataforma que impedia a visão de um lado a outro da praça (O POVO, 1992).

Na década de 1990, o bairro passava por intensas transformações, ganhando ares de zona comercial, com a instalação de shoppings e lojas. O comércio e a verticalização das residências fizeram crescer o fluxo de veículos e assim foram se tornando frequentes os engarrafamentos, especialmente à noite. E assim a área central da praça Portugal passou de espaço de socialização e comércio para uma área a ser vista por quem transita em veículo ou a pé.

Outro momento de vida social intensa para a praça Portugal se iniciou nos anos 2000, quando passou a ser ocupada por grupos juvenis nas tardes e noites de sábado. Eles se organizavam em grupos e desfilavam diferentes estilos. Circulavam entre os shoppings instalados na região e enfrentavam o intenso fluxo de veículos para estarem juntos na área central.

Segundo levantamento realizado em material jornalístico e também observação participante realizada presencialmente e em sites de redes sociais (MARQUES, 2010), é possível dizer que esse período de frequência de grupos juvenis durou uma década, até a migração desses jovens para outras áreas da cidade, após embates com equipes de segurança dos shoppings, investidas evangelizadoras católicas e protestantes, visitas

periódicas de juizados da infância e juventude. Assim a praça passou então por um novo período de baixa frequência de visitantes, exceto por situações pontuais quando abrigou manifestações públicas de caracteres políticos e trabalhistas.

Foi então que, em dezembro de 2013, a prefeitura anunciou que faria novas intervenções na área, com pretensão de melhorar o trânsito de veículos e evitar os constantes congestionamentos. Um binário entre duas grandes avenidas (Dom Luís e Santos Dumont) prometia reorganizar o tráfego e a praça era apontada como ponto necessário de intervenção.

Anunciado em março de 2014, o plano de reforma previa a destruição da área central, dando lugar a um cruzamento e a manutenção das quatro praças laterais. Nessa ocasião, o Ministério Público recomendou a suspensão do início das obras na praça. Rebatendo às críticas ao projeto, cidadãos e autoridades afirmavam: "isso não é uma praça, é uma rotatória" (O POVO, 2014).

Em abril de 2014, ativistas pintaram faixas de pedestres para ter acesso à praça, num ato de reivindicação de permanência e uso do espaço. Naquele mês, um pedido de tombamento, de autoria do então vereador João Alfredo (PSOL), foi protocolado na Secretaria Municipal de Cultura e posteriormente negado. As obras do binário das duas grandes avenidas – Dom Luís e Desembargador Moreira – foram liberadas em maio (O POVO, 2016).

Em março de 2015, um novo pedido de tombamento tramitou na Secretaria Municipal de Cultura, mas a decisão também foi contrária ao tombamento. O Conselho Estadual de Patrimônio Cultural (Coepa) arquivou o pedido. Na ocasião, o vice-cônsul de Portugal declarou esperar que o projeto da praça fosse modificado para a manutenção da praça central (O POVO, 2016).

Somente em outubro de 2015 a Prefeitura anunciou estar preparando novo projeto que manteria a praça central, com redução de 4 metros de seu raio. Projeto ainda acirrou ânimos. Em fevereiro de 2016, gestão municipal pleiteou custeio integral da obra pela iniciativa privada. As obras tiveram início em abril de 2016, com anúncio de retirada de duas árvores e replantio de outras 10 (O POVO, 2016). Em setembro daquele ano, a praça foi reinaugurada com a manutenção da área central. Aos poucos, a vida social volta a aquecer a espacialidade.

## Disputa de sentidos

Os diferentes usos da praça Portugal ao longo dos anos indicam formas de apropriação e desapropriação do espaço público urbano. Domínguez (2010) apresenta a definição de apropriação chamando atenção para o caráter coletivo do processo, de “criação compartilhada”. Seria, portanto, decorrente “de comunicação, de cultura urbana, de memória viva”. Segundo o autor, a apropriação do espaço decorre da possibilidade de se relacionar e atuar de acordo com os próprios desejos, aspirações e projetos.

A apropriação – que vai além do sentido corrente, fazer própria alguma coisa - é uma ação tipicamente humana e, segundo Lefebvre (1971), é a finalidade mesma da vida social. Não necessito ser dono do espaço para me apropriar da cidade, aprendo e depois apreendo, me aproprio dela e ela me apropria, o processo é sempre de dupla via. A rua é o espaço público no qual as pessoas se apropriam dos lugares. Posto de outra forma, como destaca Sansot (1976), a cidade encarna-se porque eu a encarno. Há uma dimensão afetiva que leva a uma proximidade escolhida a partir da qual se produz identificação (DOMÍNGUEZ, 2010, p. 183)

Na contramão, os processos de desapropriação apontariam para o estreitamento do espaço e das possibilidades de movimentação das pessoas, promovendo o isolamento. Tendência na modernidade, a expropriação do espaço estaria relacionada com alienação, com as contradições da era industrial, tensão que resultaria em ações de mobilização social.

Disputas envolvendo ações de apropriação e expropriação ocorrem frequentemente, lembra Domínguez (2010), porque tais processos escapem a uma lógica racional burocrática. O autor é direto ao mencionar atos do poder público exercidos sobre o espaço com a intenção de criar uma mudança no entorno, mas que são rechaçadas e percebidas como agressão por ignorar processos de identificação simbólica “que compreende processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos por meio dos quais um espaço se converte em lugar e produz a identificação do sujeito ou do grupo social”.

A polêmica em torno da possibilidade de retirada da área central da praça Portugal tenha alcançado seu cerne quando o prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio (PDT), declarou, em março de 2014, não reconhecer o status de praça ao equipamento:

O prefeito Roberto Cláudio afirmou que a praça Portugal não é uma praça, mas uma rotatória de carros. O chefe do executivo municipal disse também que a área é inacessível e pouco frequentada. “Você não vê ninguém sentado, tomando um suco, comendo um sanduíche ou simplesmente refletindo”, comenta. (...) Questionado pela imprensa, ele afirma que a Praça Portugal não é um patrimônio histórico, pois tem cerca de 45 anos de existência. Indagado sobre a possibilidade de haver movimento semelhante ao que ocorreu no Cocó, o chefe do executivo revelou que espera coerência da população, pois está priorizando todas as áreas reivindicadas. (DIÁRIO DO NORDESTE, 10 mar. 2014)

Empregando análise de conteúdo, na perspectiva da análise de enunciação<sup>4</sup> (BARDIN, 1995), verifica-se que o texto ressalta o posicionamento do gestor do poder executivo municipal: o prefeito não conferia, naquele momento, legitimidade a usos da praça que estivessem além da presença física, para fins de lazer, de um segmento privilegiado da população. Os usos pelos transeuntes, que têm o equipamento na paisagem para quebra da monotonia visual urbana; a referência à comunidade portuguesa local; a memória da população que, na relações com o espaço, construíram afetos; os moradores de rua que aproveitam eventualmente suas sombras; a manutenção de pontos arborizados nas áreas urbanas; esses foram usos ignorados.

A limitação para o reconhecimento das diversas possibilidades de apropriação do espaço público evidenciava uma visão hegemônica partilhada também por outros seguimentos da sociedade, inclusive por profissionais de arquitetura e urbanismo. Em enquete feita pelo jornal O Povo com arquitetos da cidade, em março de 2014, identificava-se, em certos casos, alinhamento com o discurso do prefeito anteriormente citado:

<sup>4</sup> Bardin (1995) considera “discurso”, para fins de análise, toda comunicação estudada em seus elementos constituintes (palavras e frases), mas também o processo que revela “contradições” e “incoerências”, “motivações” e “desejos”. Os autores Bardin (1995) e Fonseca Junior (2012) apontam a pertinência do emprego da técnica de análise referida ao produto de entrevista jornalística, pela espontaneidade das falas dos atores, mas também pelos possíveis constrangimentos dos contextos de enunciação.

---

“O povo vai me matar, mas eu gostei. Se as novas praças que vão surgir forem bem aproveitadas e fieis a um bom projeto, a cidade lucrá com áreas agora utilizáveis, pois a praça, apesar de cartão postal de nossa cidade, não é utilizada. Apenas no Natal, com a colocação da famosa árvore. No entanto, acho imprescindível a construção de um estacionamento subterrâneo!” (R.M., arquiteto, O Povo, 20 mar. 2014)

O argumento apresentado pelo arquiteto, de que a praça não era utilizada, ignora até mesmo o uso funcional do equipamento como rotatória, em alternativa a um semáforo. Outros arquitetos ouvidos pelo jornal na mesma enquete mencionaram estudos que demonstravam a eficiência reconhecida da rotatória pra organização do fluxo de veículos em cruzamentos de grande vias.

“Estou ainda em estado de choque com as mudanças propostas para a nossa cidade e, principalmente, para a praça Portugal. Acho que não foram esgotadas todas as possibilidades, tirar a praça para depois virem a fazer um túnel, de acordo com a proposta da Prefeitura, não é a melhor solução. A praça é uma das nossas poucas existentes nesta cidade estão pouco arborizada e tão carente de espaços públicos. Um ícone da nossa cidade, símbolo dos laços estreitos que temos com Portugal, nossa memória, referência urbana... Fora tirarem todas as árvores dos canteiros centrais de duas avenidas, árvores antigas, que não podem ser simplesmente transferidas e para onde vai nossa sombra, nosso verde? Um projeto desta grandeza não pode ser impositivo, a população da cidade precisa ser ouvida, questionada, quem sabe através de um plebiscito. Imagine se alguém tem a audácia de tirar a rotatória do arco do Triunfo em Paris com 8 pistas? Rotatória é o modelo de cruzamento mais inteligente que existe, pois todos podem circular para todos os lados e em velocidade reduzida, o que não provoca maiores danos caso ocorra algum sinistro. Enfim, participei do abraço à Praça Portugal juntamente com meus filhos, que não entendem até agora o porquê desta mudança e encontrei também as arquitetas Cristiane Boris e Eliana Braga.” (M. B., arquiteta e urbanista, O Povo, 20 mar. 2014)

A arquiteta acima citada menciona uma manifestação em defesa da praça ocorrida em 9 março de 2014, em forma de abraço. De mãos dadas, dezenas de manifestantes contornaram a área central numa demonstração pública de afeto, num gesto com intenção de proteção, mesmo que simbólica.

Segundo o modelo proposto por Pol (1994, apud DOMÍNGUES, 2010, p. 187), os processos de apropriação do espaço possuem duas vertentes: uma de apropriação de componente comportamental (ação transformação) e outra de caráter simbólico (identificação). O somatório das duas vertentes apontaria para a criação de sentido social de um lugar, “de um simbolismo compartilhado, que integra a comunidade e lhe dá uma identidade coletiva que não pode ser alcançada de forma apriorista, unilateral e imposta”.

A discussão sobre a produção de sentidos de lugar em torno da praça Portugal aponta para uma possibilidade de abordagem pela perspectiva da afetividade. Desse ponto de vista, define-se afetividade como “conhecimento, percepção e orientação no espaço”, afirma Bomfim (2003, apud BOMFIM, 2009). Nessa perspectiva, “a afetividade na cidade pode ser compreendida como a implicação do habitante no espaço urbano”.

A implicação de que fala a autora é o que se vê nas imagens apresentadas abaixo, registro realizado pelo jornal O Povo de manifestação realizada dia 9 de março de 2014, por cidadãos de diversas idades, oriundos de pontos diferentes da cidade, com relações diversas estabelecidas com a praça Portugal. Ao abraçar a praça, cada um abraçava também seu sentido de lugar elaborado na relação com essa espacialidade.



Figura 1 - Evilásio Bezerra, O Povo, 9 mar. 2014



Figura 2 - Evilásio Bezerra, O Povo, 9 mar. 2014

Para pensar a relação afetiva entre sujeito e cidade é oportuno recorrer a Vygostky (1996) por seu investimento teórico na perspectiva da construção cultural da significação, um dos temas centrais da teoria histórico-cultural. Sendo os sujeitos constituídos por meio de interações mediadas por instrumentos e signos, o espaço pode então ser apontado como mais um elemento de mediação das funções psíquicas, estabelecendo ligações entre a realidade objetiva, externa, e o pensamento.

Ao explorar a relação entre sentido e significado, Vygotsky delineia o conceito de sentido como “uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada” (BARROS et al., 2009). Por outro lado, o significado seria apenas uma das zonas do sentido que uma determinada palavra pode vir a adquirir no contexto de algum discurso. Dessa maneira, ao falar em sentido, indica-se

acontecimento semântico particular, constituído através de relações sociais, onde uma gama de signos é posta em jogo, o que permite a emergência de processos de singularização em uma trama interacional histórica e culturalmente situada. (BARROS et al., 2009).

---

Essa produção de sentido na direção da espacialidade produz o que se conceitua como lugar. Na observação de um lugar, o foco volta-se para as vivências dos sujeitos inscritos na materialidade espacial.

A construção da identidade ou do sentimento de pertencimento a um lugar passa pelas formas de apropriação do espaço envolvido. O recorte espacial habitado ou usado fica marcado pela presença dos sujeitos, por resíduos, pelo efeito do tempo, das nomeações e normatizações. Essa relação de identificação, indica Carlos (1996, p. 21), é vivenciada por meio do corpo. A autora diz que o lugar é “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”.

### **Considerações finais**

Esse breve estudo de caso evidencia alguns vetores dos jogos de forças que se estabeleceram na cidade de Fortaleza, entre 2014 e 2016, na disputa por legitimidade para formas de apropriação do espaço da praça Portugal e de produção de sentidos para essa espacialidade como um lugar.

Ao final da disputa, que se deu no campo da mediação simbólica e midiática, mas também nas esferas administrativas, políticas e jurídicas, o desenho original da praça prevaleceu. A reforma concluída em setembro de 2016, no contexto da implantação do binário das avenidas Dom Luís e Santos Dumont, em Fortaleza (CE), manteve a área central e as ilhas laterais, com um projeto de acessibilidade que tem facilitado a travessia em diversos pontos. Atualmente, a praça voltou a abrigar manifestações públicas e eventos e ganhou também legitimidade como referencia arquitetônica, como lugar de memória, de investimento afetivo agregado ao longo da história do equipamento.

Hoje, a mesma gestão que outrora ameaçou modificar radicalmente a praça tem apoiado iniciativas do setor privado que ocupam a praça em situações pontuais para promoção de atividades culturais e esportivas. A população tem correspondido ao chamado e ocupado o espaço.

Dessa maneira, a praça tem se renovado. O movimento de resistência pela permanência do desenho original da praça Portugal serviu para mobilizar e dar visibilidade midiática aos afetos que envolvem, com intensidade, aquele lugar. Com suas vivências, cada cidadão que a defendeu, fosse presencialmente em manifestações,

fosse por meio de interações interpessoais ou midiáticas, teve a oportunidade de atualizar, negociar e partilhar velhos e novos sentidos para a praça Portugal. Foi também essa uma oportunidade de ressignificação do espaço, de transformação.

## REFERÊNCIAS

ALEX, S. **Projeto da praça. convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARROS, J. et al. O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, 2009.

BOMFIM, Z. A. C. Cidade e afetividade como categorias de mediação na psicologia social e na psicologia ambiental. In: BERNARDES, J.; MEDRADO, B. (Org.) **Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos**. Maceió: Abrapso, 2009.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DOMÍNGUES, B. J. O espaço público como apropriação, identidade e cultura urbana. In: LACERDA JUNIOR, F.; GUZZO, R. (Org.) **Psicologia e Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social**. Campinas: Editora Alínea, 2010.

FONSECA JUNIOR, W. C. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

LEAL, A. B. **Praça Portugal: um laço entre Portugal e o Ceará**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009.

MARQUES, A. C. B. **A praça Portugal como lugar: Negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador**. 2010. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

QUEIROGA, E. F. Notas sobre algumas praças contemporâneas: o design na paisagem. **Paisagens em Debate**, São Paulo, FAU-USP, n. 1, dez. 2003.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**. v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VYGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## MATÉRIAS DE JORNAIS

CONSTRUÇÃO de túnel na Praça Portugal é questionada. *O Povo*, 18 set. 1995.

FM do Povo também na Praça Portugal. *O Povo*, 7 nov. 1981.

LIVROS são a motivação da Praça. O Povo, 21 out. 1977.

OBRA interdita Praça Portugal por 45 dias. O Povo, 5 ago. de 1986.

PRAÇA Portugal é entregue após obras de requalificação. O Povo, 2 set. 2016.

"PRAÇA Portugal não é uma praça, mas uma rotatória", diz Roberto Cláudio; veja vídeo. Diário do Nordeste, 10 mar. 2014.

PRAÇA Portugal tem monumento central restaurado. Notícias Câmara Brasil Portugal Ceará. Fortaleza, 16 jul. 2008. Disponível em: <http://www.brasilportugal.org.br/ce/>. Acesso em: 20 jul. 2009.

PRAÇAS terão novo tipo de iluminação. O Povo, 19 jul. 1992.

PREFEITURA reforma Praça Portugal. O Povo, 15 maio 1998.

QUAL o futuro da praça Portugal? O Povo, 20 mar. 2014.